

SILVA, T. E. da. Memória e Biblioteconomia: uma história sem fim. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. p. 1181-1187

MEMÓRIA E BIBLIOTECONOMIA: uma História Sem Fim

TEREZINHA ELISABETH DA SILVA

Bibliotecária e aluna do Curso de Mestrado em Biblioteconomia da UFPB

RESUMO

A importância da memória para a identidade individual e coletiva. Analisa a concepção de memória não oficial. Apresenta a narração de histórias como forma de repasse de conhecimentos e informações. Relata dois projetos de resgate de memória oral realizados no âmbito da Biblioteconomia. Mostra os trabalhos como memória como uma possível vertente de ação da Biblioteconomia e uma forma de articulação com as Ciências Sociais.

INTRODUÇÃO

Bastian carrega no peito um medalhão que tem poderes de satisfazer seus desejos. O medalhão, porém, é a arma da bruxa Xayide para acabar com a força da Bastian e eliminar o reino da Fantasia. A cada pedido satisfeito o rapaz perde uma de suas lembranças.

“Toda disputa se passa em torno desses dois eixos: o desejo e a memória, de um lado, o vazio e a plenitude, de outro. Ora, o que Xayide propõe é de uma perversidade atroz. O mundo, sabe-se, só existe quando a memória é capaz de gerar desejos, fantasias” (ARAÚJO, 1991).

Nada mais pertinente do que utilizar o fio narrativo de “A História sem Fim 2” para iniciar este ensaio que trata de memória e Biblioteconomia. “A História sem Fim 2”, a exemplo da primeira, é um filme sobre um livro, ou antes, um livro sobre um livro, ou ainda sobre a fantasia do livro, onde a superposição de histórias mistura vida e imaginação.

Lembrar, criar e viver confundem-se na medida em que não é possível viver sem sonhar, nem viver um dia sem a lembrança dos anteriores. O primeiro aspecto tratado neste ensaio é justamente a importância da memória enquanto referência de vida individual e coletiva, com prioridade na abordagem da memória não oficial, dando ênfase às histórias orais.

Num outro item serão relatadas duas experiências de trabalho com memória, realizadas no âmbito da Biblioteconomia. As anotações aqui apresentadas são parte de um aprendizado prático, cuja reflexão teórica deu-se posteriormente.

É prudente acrescentar que foram ações localizadas e de alcance reduzido, mas que de qualquer forma mostram que são várias as opções de atuação da Biblioteconomia na realidade mais concreta da comunidade.

SOBRE MEMÓRIA

A ideia de memória nos remete a um conjunto de valores do passado remoto ou breve: a história da coletividade. Surge inevitavelmente a noção de patrimônio histórico e artístico, e a necessidade de tombamento para fins de preservação.

Tratarei de outra noção de memória, aquela memória imaterial, que não é abstrata, mas não pode ser tombada por leis. Muitas vezes esta memória não se encontra documentada, os conhecimentos vão passando de geração a geração, acumulando contribuições e interferências individuais. Apropriam-se de novas mensagens e até as reelaboram.

Tem-se notado atualmente, grande preocupação com esta memória. A este respeito, Simone Weil (1979, *apud* BOSI, E., 1987a, p. 23) diz que “o amor pelo passado não tem nada a ver com uma orientação política reacionária”, como às vezes somos levados a pensar. Buscar nossa memória é buscar nossa história, para certificarmos de que estamos “enraizados”, o que não tem, portanto, apenas um sentido nostálgico, embora ele também seja importante.

Falando em raízes e enraizamento, voltamos a Simone Weil cujo pensamento foi retomado no Brasil, com competência, por Ecléa Bosi. A autora vem realizando pesquisas sobre o cotidiano dos operários e sobre a importância das práticas religiosas para o enraizamento cultural. Trabalhou com memória de velhos, o que resultou na imperdível “Lembranças dos Velhos” (BOSI, E., 1987b) que vem servindo de referência à maioria das pesquisas sobre memória. São oito velhos contando suas histórias de vida, histórias que não estavam nos livros.

Os documentos oficiais, escritos pela perspectiva dos vencedores, dão uma visão panorâmica e homogênea da história. Por outro lado, a memória não oficial e principalmente as históricas individuais são permeadas por pontos de vista diferentes e repletas da subjetividade própria de cada pessoa. Nesta abordagem, a história coletiva seria o entrecruzamento de várias narrativas, impossíveis de serem inscritas no eixo cartesiano, porque elas têm outras dimensões. Têm profundidade, individualidade, subjetividade.

“O trabalho da memória entra em contraste, então, com o esforço das ciências quando interpretam a história renunciando nela tomar parte, quando se dedicam à tentativa de um olhar sem subjetividade, que pudesse apanhar as ações sociais como conjuntura de circunstâncias positivas e exteriores, evoluindo segundo a mítica de um processo objetivo, isolável, sem sujeito. A memória, ao contrário, faz ver o fato a partir dos indivíduos ao mesmo tempo que reencontra neles a ascendência mais pertinente dos acontecimentos, as influências mais profundas e indelévels de uma época” (GONÇALVES FILHO, 1988, p.98).

A busca da memória é a busca do ritmo da vida, que é lento e cíclico, opondo-se à disritmia das informações do mundo moderno, ou pós-moderno, como alguns preferem.

A sociedade contemporânea nos faz mil solicitações ao mesmo tempo. As mensagens se concentram no imediato, tudo existe em função da pressa – “fast-food”, “self-service”, “rush”. Não existe o tempo individual, somos chamados à padronização programada, à competição.

Mas o corpo pulsa em outro ritmo.

Evocar a memória é renunciar a este tempo acelerado, é experimentar uma incursão pelo passado, tentando buscar referências e raízes que nos ajudem, inclusive, a suportar toda esta violência aos nossos sentidos e daí, interferir ainda que em pequena ou reduzida escala nesta velocidade maluca.

Por isso, o trabalho com a memória não é apenas fruto de desejos saudosistas. “O que os psicanalistas chamariam de ‘fazer anamnese’” (BOSI, A., 1987, p.53) é fundamental para a formação da identidade individual e coletiva.

Um exemplo de trabalho com memórias seria o exercício da pesquisa, quando o estudioso recorre às ideias de outros e à sua vivência. Retornando sobre meus passos e elaborando esta reflexão com a ajuda de vários autores, realizo uma montagem de memórias, mesclando falas e experiências.

O trabalho com a memória não oficial não é fácil. Requer tempo, paciência e desejo de manusear um material fragmentário, disperso e muitas vezes, de aparente incoerência.

Advogando a causa da memória não oficial, defendo também as várias formas de repasse da história, ou de histórias. Esta “viagem em busca do tempo perdido” acontece pela narrativa, pela fala, pela contação de histórias e casos. E não interessa se o que se narra são fatos verdadeiros, pois o fato social não é o “falso” ou o “verdadeiro”, mas o que é narrado. Os narradores se diferenciam justamente pelas interferências particulares de cada um deles, seus modos de narrar a história. Não podemos subestimar o aspecto simbólico e os fatores internos e externos que influenciam o narrador em sua forma de ver, participar e narrar os acontecimentos.

Temos que considerar que a invenção, muitas vezes denominada “mentira” é um exercício da criatividade, da fantasia, uma volta à infância. É o narrador fazendo “arte”, como uma criança. Ele é um fazedor, um artesão de histórias.

Criando vínculos com sua audiência, este sujeito estabelece um relacionamento que é vital para o processo.

Infelizmente este elemento está em extinção. A sociedade contemporânea, ao determinar as competências e especializar as funções, tende a expulsar o contador de histórias do quadro de sujeitos úteis a ela. O processo exige intimidade, afeto, e não temos tido tempo para isto. Voltamos então à necessidade de sermos rápidos, atendendo à velocidade das mensagens que são veiculadas por outros meios de comunicação mais “eficazes” que a fala.

Miguel Tamen (1989, p.30-31), lembrando Benjamin fala que se a capacidade de contar histórias está em decadência, é por ela ser “um elemento de todo um sistema de coisas em decadência”. Somos chamados à padronização do discurso e contar histórias supõe a desigualdade. Aqui, interessa o que diferencia e não o que unifica. “A decadência do contar histórias pode pois ser vista como uma espécie de decadência de memória”.

Mas a amnésia, o esquecimento, cobram um preço. “Ai daqueles que se esquecem do seu passado, mesmo do seu passado recente, vagarão e errarão estupidamente sem encontrar a porta de saída que é a reflexão sobre o passado” (BOSI, A., 1987, p.54).

Pensar nesta amnésia nos traz sofrimento; é verdade que tememos ficar sem nossas raízes. Estamos saturados de informações, mas perdemos o fio da meada. Diante disto, ou voltamos a trabalhar a memória de nossas experiências, ou morremos de banzo.

DOIS TRABALHOS COM MEMÓRIAS

São duas experiências pequenas, incidindo em universos reduzidos, realizadas em tempos e lugares diferentes. A primeira, executada a partir da política de ação cultural de um órgão público; a segunda, um trabalho acadêmico em nível de pós-graduação.

Descubra o Contador de Histórias do seu Bairro.

Realizado no ano de 1988, este projeto foi um dos resultados das ações da Secretaria Municipal da Cultura de Uberlândia. Surgiu a partir do desejo de um grupo de funcionários que trabalhando em projetos de ação cultural descentralizada, ansiava por descobrir os meandros das relações nos bairros.

O projeto, elaborado e executado conjuntamente pelas Divisões de Cultura e de Bibliotecas, tinha como objetivos principais, descobrir, através de concursos nos bairros, pessoas com habilidades para contar histórias, fazendo o repasse oral e por fim, a documentação deste material. Com isto, pretendia-se ainda, despertar na audiência das histórias, o interesse pela leitura e literatura, além de divulgar os serviços de extensão da Biblioteca Municipal e do Centro Cultural Itinerante, o “Circo”.*

O trabalho teve a curta duração de seis meses, passando por dois bairros. Em 1989 entraria a nova administração municipal, dando outro direcionamento para a política cultural da cidade.

O primeiro concurso do projeto foi realizado com sucesso no bairro Santa Rosa. A divulgação foi feita no próprio “Circo” e como se esperava, não surgiram muitos concorrentes, o tema não oferece motivação à primeira vista. O sucesso refere-se, portanto, à qualidade dos participantes e não à quantidade. Aos candidatos solicitava-se a contação de duas histórias, uma retirada de um livro infantil escolhido pela comissão organizadora e outra de seu próprio repertório. A vencedora do bairro Santa Rosa revelou-se uma perfeita atriz, tendo conseguido envolver a plateia com sua caracterização de avó contando casos para seus netos.

Essa “vovó” passou a contar histórias no “Circo” – instalado no bairro -, na Biblioteca Pública, em escolas, e fez ainda o lançamento do projeto no segundo bairro, o Tocantins. Neste a resposta da comunidade à proposta foi praticamente nula.

Observando a realidade do Tocantins, percebemos que aquele bairro novo, um conjunto habitacional construído além da fronteira urbanizada da cidade, era recém-ocupado. As casas ainda mantinham características padronizadas, os proprietários não haviam feito, até aquele momento, modificações que oferecessem diferenciações às suas moradias.

Ali não existia ponto de confluência para lazer e troca de informações. Era tudo muito novo, e o bairro – quase uma cidade satélite, sem, contudo sua estrutura – funcionava como um dormitório.

O que pretendo dizer com isto é que naquele bairro ainda não havia entrosamento entre os moradores, eles eram quase estranhos uns aos outros. Não haviam

* Com a estrutura física de um circo, o Centro Cultural Itinerante, equipado com palco, camarins, sistema de som e iluminação, percorre bairros periféricos em cada um por três meses desenvolvendo projetos de ação cultural.

criado raízes. Foram transplantados para aquele local e o nosso projeto os pegou ainda em fase de adaptação de suas vidas às novas circunstâncias.

O primeiro bairro, o Santa Rosa, também é um conjunto habitacional, mas por ser mais antigo, já possuía na época uma história/memória. Andando pelas ruas, descobrimos muitas características de diferenciação entre as casas. O pequeno comércio atende às necessidades primeiras dos moradores e a praça pública urbanizada funciona como ponto de encontro. E como diferença fundamental, o Santa Rosa já organizara uma Associação de Moradores atuante, politizada e questionadora.

O projeto “Contador de Histórias” teve dois concursos com resultados absolutamente opostos. Perceber as características dos dois bairros é fundamental para buscar entender os motivos que levaram àqueles resultados. Na época chegamos a esboçar uma reflexão sobre o “fracasso” do concurso no bairro Tocantins. A questão da idade do bairro veio à tona, agora ela fica mais evidente como sendo o que realmente determinou o grau de participação da comunidade nas ações da Secretaria Municipal da Cultura.

Posso dizer que o Tocantins era um bairro de desenraizados. Os moradores sem identidade com o local, e diante da perspectiva de estarem em suas casas definitivas, resolviam necessidades básicas como erguer cercas delimitando os terrenos, ou colocar vidros nas janelas. Aquele momento era de adaptação, com as pessoas buscando fincar raízes no local.

Literatura Oral

Esse projeto foi realizado em 1989, na cidade de João Pessoa, com um grupo de idosos do Bairro Roger, um bairro onde o Mestrado em Biblioteconomia da UFPB mantém o CIPRO (Centro Popular de Documentação e Informação Utilitária), que oferece suporte a uma de suas linhas de pesquisa.

Já no primeiro semestre do curso, nossa turma foi chamada a atuar no CIPRO. Ficaria a critério de cada aluna a escolha de sua forma de trabalho, desde que apresentasse a sua proposta à Coordenação, e no final, os resultados.*

Motivada já pela leitura de “Lembranças de Velhos” de Ecléa Bosi, senti que aquele grupo de idosos era um universo a descobrir.

Logicamente, não existia a pretensão de resgatar a história daquelas pessoas dando enfoques da psicologia social, como o fizera a professora paulista. Na verdade, o trabalho foi um constante tatear, descobrindo uma realidade totalmente alheia à minha. Eu era uma forasteira, sem identificação ainda com a cidade, e muito menos com aquele bairro pobre, caracterizado pelo “lixão”, sobre o qual os urubus dançam freneticamente o dia todo, competindo com os catadores de restos de comida e entulhos.

As limitações eram várias, dentre as quais, o tempo para apresentação da proposta de atuação, o desconhecimento de métodos e técnicas de pesquisa social e os escrúpulos de estar invadindo e violentando aquele grupo.

A adaptação e a resposta aos questionamentos que me angustiavam foram acontecendo lentamente. Aos poucos os desafios que se apresentavam iam sendo transpostos, não com facilidade, mas acompanhados de muita reflexão, com busca de fontes teóricas, e ainda solicitações de ajuda a professores do próprio Curso e do Departamento de Ciências Sociais.

O resultado dos meses de visita ao grupo em suas reuniões semanais foram quatro horas de fitas gravadas e transcritas, onde oito pessoas falam sobre suas vidas, suas dificuldades nas relações familiares e no trabalho, e os problemas de saúde – uma constante em todos os depoimentos. Muitas contaram casos de assombra-

* Trabalhos desenvolvidos: com crianças (leitura expressão cênica, artes plásticas), com idosos (literatura oral, trabalhos manuais, plantas medicinais), e com o resgate de fontes documentais sobre os vários projetos executados no bairro.

ções e experiências fantásticas de seu cotidiano, que afirmam serem acontecimentos verdadeiros, apesar do caráter absurdo que essas histórias podem ter para aqueles que não vivenciaram os fatos.

É bom lembrar que aquele grupo, formado exclusivamente por pessoas do sexo feminino, sofre três tipos de opressão sendo mulheres, velhas e pobres. Deram toda sua vitalidade ao trabalho, e contribuíram, ainda que não acreditem, para a construção do bairro. Possuem um saber que lhes é peculiar, proveniente de suas experiências, saber que é esmagado pelo conhecimento científico oficial, mas que continua a lhes garantir a solução de questões de seu cotidiano. Seu conhecimento é de coração, de cor, vem da memória acumulada.*

Está claro para mim que este trabalho não pode ser considerado uma pesquisa científica, faltam-lhe o rigor e o aprofundamento necessário. Antes, foi uma forma de tentar descobrir um pouco daquele “pedaço” que eu ignorava totalmente. Devo considerar que existiu uma parcela significativa de curiosidade pessoal, uma vontade de ver como eram aquelas pessoas que viviam num ambiente tão distante do meu.

Pude perceber desde o primeiro contato com o grupo que o ato de provocar o exercício da memória teve o importante papel de possibilitar àquelas mulheres a presença de um ouvinte, e “a agradável sensação de ser ouvido” (BOSI, E., 1987b, p. 40), sensação tão negada aos velhos.

Como conclusão, destaco os três fatores que foram considerados neste trabalho: 1) valorização do velho, elemento discriminado, cuja carência é vista mais como questão meramente material; 2) exercício da comunicação oral, que continua muitas vezes a ser a única forma de transmissão de informações e conhecimento em comunidades pobres, embora venha sendo progressivamente abandonada e substituída por outros meios; 3) aprender e exercitar técnicas de registro de histórias e de depoimentos de vida, para a investigação de problemas afins à Biblioteconomia, utilizando recursos teóricos e metodológicos das Ciências Sociais.

A opção por situar estes fatores no final do relato deve-se ao fato de eles só terem sido delineados a partir da própria experiência, tornando-se claros pela vivência dos fatos e pela busca de bases teóricas na literatura.

COMENTÁRIOS FINAIS

Situei anteriormente as poucas pretensões destes dois projetos, principalmente dentro de uma perspectiva acadêmica. No entanto, posso afirmar que ambos tiveram importância crucial para os rumos de minha vida profissional.

Primeiro porque permitiram um contato mais próximo e mais “quente” com aqueles indivíduos que denominados usuários e não usuários, sobre os quais falamos e estudamos, mas que na maioria das vezes nos parecem tão distantes.

Em segundo lugar, a importância reside na reflexão teórica sistemática que permitiu o início de um desvelar de mundo, articulando a prática da Biblioteconomia com o contexto das Ciências Sociais. Acredito que o caminho de nossa profissão passa por alinhar-se mais fortemente às Ciências Sociais, como forma de combater uma pseudo-neutralidade que insiste em continuar.

Estes dois fatores, longe de serem questões de ordem pessoal, são parte de um posicionamento político e profissional, advindo da atuação em biblioteca pública. Esta, cuja área de contato com a comunidade deve tender a ser dinâmica, encon-

* A expressão “saber de cor” remete erroneamente a um processo meramente mecânico. A raiz da palavra coração é latina (*cor*, *cordis* = coração). Em francês utiliza-se “savoir par coeur”, da mesma forma, “know by heart” em inglês significa saber de memória. Embora sejam diferentes as origens linguísticas, o sentido

tra nos trabalhos com memória mais uma de suas vertentes de ação.

Não estou defendendo uma Biblioteconomia fazedora exclusiva da arqueologia da memória oral, nem responsável única pelo resgate da história não oficial. E mesmo atuando num campo que parece pequeno, à primeira vista, como um bairro, podemos, através de trabalhos deste tipo, ensaiar passos em busca da reconstrução de nossa identidade social.

Mas atenção para as “armadilhas do percurso”.

Não é travestidos de oprimidos que vamos dar-lhes “vez e voz”. Ao contrário, vejamos a valorização da memória, antes de mais nada, como a preocupação e a valorização de nós mesmos. Vejamos como cuidados que devemos tomar com o nosso desenraizamento que parece, não sendo pessimista, iminente.

Estas considerações podem conferir um caráter romântico a este ensaio, mas sem ingenuidade, afirmo que carecemos de mais emoções em tudo que fazemos e administramos. Não seria esta uma forma de lutarmos contra toda a brutalidade objetivista que nos envolve?

Finalizando, recorro à lucidez de Alfredo Bosi (1987, p. 53): “A memória é o centro vivo da tradição, é o pressuposto da cultura no sentido de trabalho produzido, acumulado e refeito através da História. Para Platão a memória é ativa. Aprender é lembrar, lembrar é aprender”.

É um processo contínuo, cíclico, que se autoalimenta. É uma história sem fim, o que não significa repetitiva, mas aberta para o infinito.

ABSTRACT

The importance of memory for individual and collective identity as well. Analyses the conception of unofficial memory. Presents stories telling as a rehearsal of sharing out experiences and informations. Reports two projects of oral memory retrieval which were developed within librarianship scope. Shows works with memory as a possibility for librarianship actions and as its connection with the social sciences.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ARAÚJO, Inácio. “História sem Fim 2” iguala os homens aos livros. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 de janeiro de 1991, p. E-14 (Ilustrada).

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: BORNHEIN, Gerd. et al. **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, 152p. p. 31-58.

BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (org.) **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1987. 224p. p. 16-41.

_____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz/Ed. Da USP, 1987.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e memória. In: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988. 495p. p. 95-124.

TAMEN, Miguel. Amnésia e melancolia. **Crítica: Revista de Pensamento Contemporâneo**, Lisboa, n. 5, p.25-42, maio, 1989.